



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



A HUMANIDADE, O EGOCENTRISMO EPISTEMOLÓGICO, HIPERDISCIPLINARIZAÇÃO E A EDUCAÇÃO.

Renata Souza Barreto[i]

11. Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

RESUMO: Não raro os conceitos necessitam ser forjados com as mais diversas e distintas consciências sensíveis. O ato de conhecer é a própria essência do viver. Esse escrito brota como a nascente de um rio para expandir-se em reflexões, questionamentos a respeito desses novos conceitos: o egocentrismo epistemológico, a hiperdisciplinarização, seus desdobramentos na educação e como esses desencontros ferem a humanidade. Nós que somos "criador e criatura" das nossas próprias mordanças humanas e, por conseguinte educacionais, precisamos reconhecer o egocentrismo epistemológico verdadeiramente em nossas ações para alçarmos novos e significativos voos para com a educação. Caso não o façamos, o risco que corremos é permanecermos em "movimento estático" em cima das nossas vaidades epistemológicas.

palavras-chave: Egocentrismo Epistemológico, Hiperdisciplinarização, Educação, Humanidade.

ABSTRACT: Often the concepts need to be forged with the most diverse and distinct sensitive consciences. The act of knowing is the very essence of living. This writing is born as a source of a river to expand into reflections, questions about this new concept, the epistemological Egocentrism, the hyperdisciplining, its developments in education and how these disagreements hurt humanity. We who are "creator and creature" of our own human amordaças and therefore education, we must recognize the epistemological self-centeredness in our actions to truly alçarmos significant new flights to education. If we do not, we run the risk that it remain static movement on top of our epistemological vanities.

keywords: Epistemological egocentrism, hyperdisciplining, Education, Humanity.

"Afirmo que a mente humana ou a sociedade humana não estão divididas em compartimentos estanques chamados social, político e religioso. Tudo age e reage entre si." (Mahatma Gandhi)

A Humanidade é marcada e deixa-se marcar por acontecimentos. Todo novo paradigma altera o ambiente complexo dos atores sociais. A modernidade científica é "batizada" pelo nascimento da ciência moderna, e para ser compreendida "deve-se evocar aqui o 'grande paradigma do Ocidente', formulado por Descartes e imposto pelo desdobramento da história europeia a partir do século XVII. O paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria" (MORIN, 2002, p. 26).

A voz da disciplina na história da ciência e da educação já foi ouvida e ainda se ouve. Por um viés, ela

autoriza o caminhar em outras áreas do conhecimento, sem o qual o mesmo poderia ficar inalcançável. No entanto, o progresso científico dissociado do progresso moral-sensível para conosco, para com a sociedade, nada engrandece, pois a cada cem anos de avanços com essa perspectiva fragmentada, sem atenção ao todo que nos envolve, certamente, caminhamos igualmente cem anos (ou mais) de atraso.

Esses paradigmas, que ainda nos descrevem e descrevemos nos demonstram que as atividades científicas estão essencialmente interligadas com a prática do fragmentar para saber. A Educação encontra-se imbricada nessas ações. O exagero descuidado na hiperdisciplinarização, a não percepção íntima, a falta do autoconhecimento gera como resultado o egocentrismo epistemológico, por consequência uma “desumanização” em seus atos, nas nossas práxis pedagógicas. Por sua vez essa “hiperdisciplinarização e sua proliferação vão se constituir na opção da modernidade científica, no que concerne à organização das formações institucionalizadas” (MACEDO, 2012, p. 34).

A hiperdisciplinarização e sua ardente fragmentação constitui estrutura basilar na modernidade científica, no que pertence as (de)formações institucionalizadas. Mas há alguns perigos na contínua prática da hiperdisciplinarização, dentre eles: Egocentrismo epistemológico. Atualmente, paradigmas educacionais como: O Diálogo entre conhecimentos eleitos como formativos nos currículos universitários e escolares com *saberes outros* (heterogêneos) que transcendem esses “muros institucionalizados” faz-se necessário. Todavia, quando continuamos a perpetuar essa herança, no mínimo questionável, da modernidade repercutimos (des)caminhos na nossa sociedade.

Egocentrismo epistemológico (re)produz obstáculos “invisíveis” no real diálogo na educação. Acreditamos assim, que o egocentrismo epistemológico nos ensurdece perante o ouvir, o pensar, o fazer e questionar a educação, seja em relação as nossas próprias ideias, anseios, seja para darmos a devida atenção às reflexões de qualquer outro alguém. Essa troca se faz mais que necessária na nossa contemporaneidade, mas esse descompasso epistemológico fecundado pela hiperdisciplinarização fomenta um distanciamento cada vez mais consolidado entre a humanidade, a sociedade e os ambientes educacionais.

Assim, construindo “capelas científicas, fundadas sobre o signo da especialização, vivem muito mais a vontade num mundo fechado, onde a verdade de cada um é menos contestada, do que num mundo aberto, onde estão expostas aos ventos da crítica.” (JAPIASSU, 1976, p. 95). O com tudo, para com todos se extingue, morre dentro e fora de nós.

O egocentrismo epistemológico ainda, nos impossibilita de constituir relações humanas de construções de conhecimentos na sua pluralidade, indo de encontro, chocando-se com uma das nossas principais características enquanto ser o humano: O relacionar-se com o outro. A ciência modernista é disciplinar em seu âmago é analítica, linear, matemática, lógico-experimental.

A grande contradição é que daí provém seus êxitos - seu maior triunfo são as tecnologias - lineares e eficientes. No entanto, “O excesso de tecnologia, que aparentemente resolveria os problemas humanos, engendrou novos dramas e conflitos comportamentais, na rotina degradante, que necessitam ser reexaminados para posterior correção” (FRANCO, 2011, p.16) e esse mal-estar provocado pelo atual paradigma fragmentado é transferido indireta e diretamente para a educação.

Atualmente, possuímos excelentes caminhos para queda, quebra ou no mínimo enfraquecimento do modelo hiperdisciplinarizado. Os principais pensamentos em voga que se propõem a essa superação, dentre outros, são: a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, o pensamento complexo e a multirreferencialidade[ii]. Nessa era hiperdisciplinarizada, pressentimos uma necessidade visceral de reestruturar mais uma vez a educação, por essa não responder aos questionamentos atuais das mais distintas esferas da sociedade.

Portanto, a ausência da percepção do egocentrismo epistemológico como uma consequência existente na educação, fomenta e alimenta a contínua máquina da fragmentação do conhecimento como possibilidade última e benéfica para a contemporaneidade educacional. Precisamos reconhecer a existência desse

conceito para podermos diluí-lo e, conseqüentemente elimina-lo das nossas práxis pedagógica. Acreditamos que esse "desatar de nó" poderá proporcionar uma maior e mais sensível análise das nossas necessidades.

Esse texto ganha ainda mais inspiração e referência quando nos deparamos com a seguinte reflexão de Edgar Morin:

"o enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos" (MORIN, 2002, pág. 41).

Com essas articulações, torna-se imprescindível uma análise, busca reflexiva sobre esse fenômeno egocêntrico; perguntas como: "Pode um especialista experimentar a vida como um todo" (KRISHNAMURTI, 1994, p.17) precisam ganhar reais notoriedades e problematizar o que se encontra por detrás dessa cortina-especializada, pois a resposta para a essa pergunta reflete-se em: "Assim cativado pelo detalhe, o especialista perde o sentido do conjunto, não sabendo mais situar-se em relação a ele." (JAPIASSU, 1976, p. 94), com isso o "O homem teima por ignorar-se" (FRANCO, 2011, pág.76) e ignora invariavelmente o outro, continuando assim um "período em que a disjunção entre os problemas éticos e os problemas científicos pode se tornar mortal se perdermos nossas vidas humanistas de cidadãos e de homem." (MORIN, 2005, p. 129).

As alternativas epistemológicas elaboradas até hoje para tentar solucionar os desajustes na educação, o não diálogo entre as instituições e sociedade, por exemplo, são imprescindíveis para tentar curar as indisposições geradas pelo egocentrismo epistemológico. No entanto, se não descobirmos a real causa doença estamos fadados a permanecer no ciclo de solucionar apenas seus sintomas e sinais.

A humanidade aspira pela liberdade, mas quem deve caminhar nessa direção é o próprio ser que a deseja. Quando acreditamos que somos o centro do conhecimento, matamos essas e outras aspirações de emancipação do indivíduo que almeja e necessita caminhar em busca da sua autonomia. Tornamo-nos incapazes de permitir que o outro se constitua e se reconheça nos seus próprios conceitos. Elaboramos nosso próprio enclausuramento, nos tornamos "prisioneiros das salas acadêmicas, porque a vaidade lhes roubou a chave do cárcere" (XAVIER, 1985, p. 83) e por vezes sentimos prazer nessa situação.

Esse deseja ser a centelha que provoque, exponha de uma vez por todas a existência do egocentrismo epistemológico na educação para podermos juntos continuarmos ascendendo as alternativas epistemológicas que possibilitam uma reforma íntima. Tropeços que nos organizam os pensamentos, questionamentos que aos poucos ganham forma, cor e cheiro. "Num período de transição e mudança brusca da escala dos valores convencionais" (FRANCO, 2011, p.75) essas elucidações encontram-se como uma estrela no lado escuro da (ir)racionalidade científica, em busca de outras estrelas para quando unidas formarem uma constelação de possibilidades reluzentes.

Não há fim. Essas linhas finais, em instância alguma significa o esgotamento das ideias, no entanto a reflexão necessita provocar inspiração de um texto para outro. Os assuntos aqui abordados são delicados, mas não nos preocupamos em arriscar e ousar na maneira de sentir a educação, se assim for para um melhor lapidamento de nós e da sociedade.

Não há mais tempo de espera, deixar que outros guiem a nossa consciência, "... Porque deles não existe uma percepção, esses elementos, essas visões, que são como que a parte objetiva do sonho..." (Melo Neto, 1941, p. 13) Nós precisamos e necessitamos ser os reis das nossas reflexões e os servidores da humanidade. Assim, escrevemos o ponto final dessas falas escritas.

REFERÊNCIAS

ATTENBOROUGH, Richard. **As Palavras de Gandhi**. 7 ed. Rio de Janeiro:RECORD, 1982.

BARBOSA, Joaquim (org.) **Reflexões em torno da abordagem MULTIRREFERENCIAL** São Carlos – São Paulo: EdFFSCar, 1998.

FRANCO, Divaldo. **O Homem Integral**. 20ª Ed. – Salvador: Leal, 2011.

FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**. Trad.: Cezar Augusto Mortari - Rio de Janeiro: UNESP, 2007.

_____. **Adeus À razão**. Trad.: Vera Joscelyne – São Paulo: UNESP, 2010.

_____. **Diálogos sobre o Conhecimento**. Trad.: Gita K. Guinsburg – São Paulo: PERSPECTIVA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 18ª. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JAPIASU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**, Rio de Janeiro: IMAGO EDITORA, 1976.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A educação e o significado da vida**. Trad.: Hugo Veloso – São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

MACEDO, Roberto Sidnei, **Campo, Conceito e Pesquisa**,5ª ed., Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MACEDO, Roberto, BARBOSA, Joaquim, BORBA, Sérgio (orgs). **Jaques Ardoino & a Educação** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Melo Neto, Joao Cabral. **Prosa**, 3ª ed., Rio de Janeiro : Nova Fronteira: 1997.

MORIN, Edgar, **Ciência com consciência**, Trad.: de Maria de Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória – Ed. Revista e modificada pelo autor 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

_____. **A Cabeça Bem-Feita**: Repensar a reforma Reformar o pensamento, Trad.: Eloá Jacobina 8ª ed. – Rei de Janeiro: Bertrand: 2003.

_____. **Os Setes Saberes Necessários para Educação do Futuro**, Trad.: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Saway. 6ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O método I**: Natureza da Natureza. Trad.: Iliana Heineberg. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SOARES, Noemi. **Educação transdisciplinar e a arte de aprender**. Salvador: EDUFBA, 2006.

[i] Graduada em Educação Física (UNIME) e Graduanda em Pedagogia Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Bolsista de Iniciação Científica (CNPq) e-mail: renatauneb@hotmail.com

[ii] Neste artigo para melhor entendimento dos leitores chamaremos “alternativas epistemológicas” todos os pensamentos, todas às ações que visam romper com o paradigma educacional hiperdisciplinarizado. Para maiores esclarecimentos algumas definições dos termos citados no texto:

Interdisciplinaridade: “Essa perspectiva vem propor a superação dessa fragmentação (...)Há, neste esforço, o objetivo de chegar a uma compreensão em que a unidade perdida pela hiperespecialização das disciplinas seja recuperada em prol de uma visão que globalize os saberes” (MACEDO, 2012, p. 51);

Transdisciplinaridade: “Unir a consciência amorosa do valor da existência humana ao significado do seu desenvolvimento sustentável é uma das funções da educação transdisciplinar” (SOARES, 2006, p.49)

Pensamento Complexo: "a ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional." (MORIN, 2005, p.176-177);

Multirreferencialidade: "A análise multirreferencial das situações, das práticas, dos fenômenos e dos "fatos" educativos propõe-se explicitamente a uma leitura plural de tais objetos, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referências distintos, não supostos redutíveis uns aos outros, eventualmente reconhecidos mutuamente heterogêneos." (ARDOINO, 2012, p.87).